

Cultura Clássica em *Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde* de Mário de Carvalho

ANTÓNIO MANUEL GONÇALVES MENDES

Universidade de Aveiro

Forçado ao exílio pela cidade que havia servido com extrema dedicação, Lúcio Valério Quíncio vive agora um amargo ócio longe dos afazeres da governação. Nesta como em outras situações da vida, este é o preço a pagar pela incompreensão e pela inveja.

Protagonista do romance *Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde*¹, Lúcio foi duúnviro por duas vezes numa cidade do sul da Hispânia, na região da Lusitânia, de nome Tarcis, nos tempos do Imperador Marco Aurélio (121-180 d.C.). Este morrera entretanto, e, no capítulo I, aparece-nos um Lúcio profundamente desencantado, remetendo-nos para aquilo que “se adivinha ser um começo «in ultimas res» da matéria que vai seguir-se”² e que acontece, pelo menos em parte, no Império do seu filho Cómodo (161-192 d.C.).

O romance desenvolve-se sobre dois alicerces fundamentais: por um lado, a figura mítica do imperador-filósofo, Marco Aurélio,

¹ Mário de Carvalho, *Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde*, 4ª ed., (Lisboa 1996).

² Maria Alzira Seixo, «Mário de Carvalho. Romance, Humanismo e BD», *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 12-IV-1995.

intimamente ligada à figura de Lúcio; por outro, a expansão do cristianismo por todas as regiões do Império, de que Tarcisís não é excepção. A ligação entre estes dois pontos é feita através do desenvolvimento da história de amor entre Lúcio, magistrado do Império, e Iunia Cantaber, uma patrícia convertida ao cristianismo.

É, curiosamente, essa paixão de Lúcio por Iunia – um, representante da romanidade, outro, pertencente a uma “seita” atentatória desses valores, crente no Deus único – é essa paixão, dizia, que o lança para fora da cidade, para a sua antiga *uilla* que havia sido destruída e maculada por *hordas de bárbaros esfomeados*.

Personagem-narrador, Lúcio, na sua primeira aparição no início do romance, sofre pelo desterro, pelo sentimento de inutilidade em que se vê, obviado, apenas, pela leitura, pelo consolo dos clássicos:

Brilha o céu, tarda a noite, o tempo é lerdo, a vida baça, o gesto flácido. Debaixo de sombras irisadas, leio e releio os meus livros, passeio, rememoro, devaneio, pasmo, bocejo dormito, deixo-me envelhecer. Não consigo comprazer-me desta mediocridade dourada, pese o convite e o consolo do poeta que a acolheu. Também a mim, como ao Orador, amarga o ócio, quando o negócio foi proibido. Os dias arrastam-se, Marco Aurélio viveu, Cómodo impera, passei o que passei, peno longe, como ser feliz? (p.13).

Lúcio vive numa aparente *quietação*, que não é mais do que o *otium* clássico, propiciador da *Humanitas*. Proibido de exercer o *negotium*, aproveita, pelo menos, para possibilitar ao espírito a disponibilidade para se entregar à reflexão, à meditação³, bem de

³ Cf. Maria L. Carvalhão Buescu, *Aspectos da herança clássica na cultura portuguesa* (Lisboa 1979) 42.

acordo com o princípio horaciano da *aurea mediocritas*⁴. No princípio do romance, porém, a um fim de tarde agradável corresponde um narrador envelhecido, marcado pela monotonia, procurando, de novo, ser feliz.

Do estoicismo de Lúcio

Há, portanto, um firme propósito de recuperar um estado de espírito de tranquilidade interior, de moderação e do completo domínio de si próprio, de acordo com os preceitos do estoicismo. Lúcio confessa, aliás, a sua simpatia por esta corrente filosófica, quando, no capítulo XVIII, perante o facto de ter de julgar o grupo de cristãos, onde pontifica Iunia, sua apaixonada, e depois de equacionar o suicídio, declara:

Iria eu atraíçoar derradeiramente o lema de Epicteto que sempre quisera – com tanto insucesso – adoptar como norma de vida: «tem-te! Aguenta!» (p.287).

Nesta fórmula – *sustine et abstine* – que Aulo Gélíio⁵ atribui a Epicteto, resume-se a doutrina moral dos Estóicos.

Por outras palavras, o ideal do sábio estóico consiste em ter completo domínio de si, ser autosuficiente (*autárqueia*); atingir um estado de imperturbabilidade, a *apátheia* ('apatia'), que é condição indispensável para lograr a serenidade da alma e a liberdade características do sábio e base da sua felicidade; e evitar a dor, a *ataraxía*, conceito no qual se consubstancia a essência da felicidade;

⁴ Horácio, *Carm.* 2.10.5-8: *Auream quisquis mediocritatem/ diligit, tutus caret obsoleti/ sordibus tecti, caret inuidenda/ sobrius aula.*

⁵ *Noct. Att.* 17.19.6: «Itaque, inquit, si quis haec duo uerba cordi habeat eaque sibi imperando atque obseruando curet, is erit pleraque inpeccabilis uitamque uiuet tranquillissimam». *Verba duo haec dicebat: □□□□□□ et □□□□□□.*

consiste em manter-se impassível perante os sofrimentos físicos e morais, as enfermidades, a morte, os bens da fortuna, as opiniões dos homens... Estas são as bases da vida virtuosa e feliz. A este propósito diz Marco Aurélio nas *Meditações*⁶:

Hás-de ser como uma rocha contra a qual nada podem as ondas todas do mar. Ela está firme e o mar acalma-se em volta dela.

Como exemplo desta corrente filosófica, Marco Aurélio está presente em vários momentos da obra. É o Imperador, o Príncipe e também filósofo, modelo a seguir por todos os magistrados. É o que diz Lúcio ao seu centurião Aulo:

Este é o divino Marco Aurélio Antonino, meu e teu senhor. Imaginas o Imperador a perseguir os que lhe atiram epigramas, os que intrigam no palácio, ou os que discordam dele? Marco Aurélio é um filósofo e vive rodeado de filósofos, quando as circunstâncias o não forcem a vestir o elmo e a couraça. O seu procedimento e a sua figura devem iluminar os actos de todos os magistrados do Império, porque são a imagem da moderação e da justiça (p. 100-101).

Dez anos antes de ser duúnviro, Lúcio Valério, ainda jovem, integrou uma delegação de Tarcisus a Roma, a fim de agradecer ao Imperador um donativo de um milhão de sestércios gastos no restauro do *forum*, das termas e dos templos. Essa estadia coincidiu com o terceiro aniversário do jovem príncipe Lúcio Antonino Cómodo. Enquanto aguardavam ser recebidos pelo Imperador, puderam assistir aos jogos celebrados no Circo Máximo. Lúcio, completamente avesso a estes divertimentos, não apostou nas corridas, notando que o Imperador também não era grande amante destas competições, pois não lhes dispensava muita atenção. A delegação foi, entretanto,

⁶ Marco Aurélio, *Meditações* 4.49.

recebida e, cumpridas as formalidades protocolares, Marco Aurélio chamou Lúcio pelos seus *tria nomina*. Disse-lhe que não o vira apostar, deduzindo que ele não gostava daqueles espectáculos, mas fez-lhe uma advertência em tom de conselho que, se viesse a ser seguida por Lúcio, evitaria dissabores no exercício das suas funções:

As coisas são como são, Lúcio Quíncio. Suporta-as e abstém-te da indignação. Não se pode impor a cada cidadão um filósofo e seguir-lhe todos os passos. E, sendo, pelo que sei, um jovem promissor na tua cidade, nunca demonstres, por actos ou omissões, que estás longe do sentir do povo. Poderias romper um equilíbrio fixado na ordem natural das coisas em que as tuas convicções interviriam como um mero capricho pessoal, alheio e perturbador (p. 187).

E, um pouco mais adiante, deu-lhe mais um conselho:

Um outro dever do homem público é saber tudo o que se passa à sua volta. Não te esqueças (p. 187).

Lúcio ou não compreendeu ou não quis desviar-se do curso harmonioso de uma vida que se manteve igual a si mesma (*recta ratio*), não pondo, por isso, em prática os conselhos do Príncipe. Não abdicou de viver segundo a sua natureza, de acordo com a sua opção filosófica, ainda que no exercício da magistratura, deixando para segundo plano o *sentir do povo*.

Daí a incompreensão, o distanciamento, e até a desilusão que a personalidade de Marco Aurélio provocou na personagem, quando o tribuno Marco Agneio Scauro, chefe das três coortes da VII Legião Gémina, estacionada perto das muralhas de Tarcisis, lhe mandou cópia de um édito do Imperador, que obrigava a perseguir todos os cristãos, por os considerar inimigos naturais do império:

Na minha frente, o busto de Marco Aurélio Antonino quase sorria, de olhos levantados ao alto. Pedra, gelado mármore, a

contemplar a posteridade, desatento de mim e das minhas súplicas. Como podia um homem tão clemente, tão ciente da relatividade das coisas e das opiniões, publicar normas assim inflexíveis e arbitrárias? Por que perseguir os cristãos, mais que os mitraicos, os de Cibele, os de Ísis, os de Sótrato, os Judeus? (...) Por que havia um soberano que eu respeitava e venerava de querer fazer mal a Iunia Cantaber?

Apeteceu-me apostrofar as imagens do Imperador. Voltá-las contra a parede. Retirá-las do meu larário (p. 285).

E, no fim do romance, é indiferente à morte do Imperador:

Desapareceu, por fim, Marco Aurélio Antonino e eu não verti uma lágrima (p. 319).

Lúcio é fiel aos ideais estóicos, quando, por ocasião do seu aniversário, Airhan lhe dá a notícia de que os Mouros passaram o Estreito. Pensativo por uns instantes, resolve dar uma volta por Tarcisis para ver se tudo está bem. Tem uma primeira sensação de estranheza, face à sua cidade, ocupado que andava com o exercício da magistratura:

Cidade afinal estranha, aquela. Na verdade eu, que todos os dias atravessava Tarcisis e decidia sobre os destinos de Tarcisis, acabava por descobrir que não conhecia a minha cidade...(p. 61).

Mais tarde, quando o senador Calpúrnio lhe chama a atenção para o seu descuido em relação ao povo, não lhe oferecendo jogos, recorda e nota as palavras coincidentes com os conselhos recebidos dez anos antes, da boca do Imperador:

O que me inquietava, no meu regresso, era perceber que no fundo, os conselhos do senador hispânico Énio Calpúrnio coincidiam, bem vistas as coisas, quase ponto por ponto, com

as observações do filósofo Marco Aurélio, dez anos antes...(p. 196).

Como alguém que cai na realidade, que pretende confirmar as acusações de que andava, de facto, alheado do eleitorado, chega a casa nessa noite e pergunta à esposa quem tinha ganho as corridas no Circo Máximo de Roma e o nome do auriga da moda. Mara a tudo responde e a pergunta admirada impõe-se:

– *Como sabes, Mara?*

– *Toda a gente sabe, Lúcio* (p. 200).

Mara vai ainda mais longe, ao relatar ao marido que Cornélio Lúculo, um poetastro que tinha sido encontrado morto há algum tempo, enviava poemas a Galla, mulher do centurião, às escondidas, pedindo-lhe encontros. Lúcio, estupefacto, questiona-se sobre se Aulo saberia. Ao que ela responde:

Em Tarcisís toda a gente sabe sempre tudo. Excepto tu, Lúcio Valério...(p. 268).

Um outro aspecto, em que podemos analisar o posicionamento filosófico de Lúcio prende-se com uma ida às termas. Não que precisasse de fazer tratamentos, mas tão só para falar com Calpúrnio acerca da necessidade de demolição da casa de Pôncio Módio.

Calpúrnio justifica a sua presença ali, pelas propriedades medicinais das águas:

Hás-de estranhar, ver-me nas termas públicas... O meu médico entende que estas águas são melhores para o sangue. Desde que evite o frigidário, claro...(p. 84).

De facto, deve-se à chegada a Roma de médicos gregos, com uma medicina baseada em métodos científicos, uma utilização séria e racional das águas. Para a difusão da moda das águas, contribuiu também o influxo do helenismo que havia divulgado na Cidade,

juntamente com um ideal de vida muito mais luxuoso que o tradicional, os benefícios para a saúde das curas termais.

É precisamente na época em que se situa o nosso romance, - Época imperial - que a hidroterapia atinge o seu maior esplendor, ao ser praticada tanto por indivíduos sãos como por doentes. O elevado número dos *balnea*⁷ por todos os pontos do Império Romano demonstra bem como a hidroterapia alcançara uma verdadeira função social: todos frequentavam as termas, fosse qual fosse a época do ano⁸.

Disso nos dá conta o narrador que, antes de entrar nas termas, prevê o ambiente que o espera:

Sabia que ia encontrar nos banhos uma levandade alegre e despreocupada que fazia contraste com os árduos trabalhos que agora se iniciavam. Era capaz de apostar que a maioria dos da minha cúria, tão ocupados, achacados e indisponíveis quando se tratava da coisa pública, se encontravam a tagarelar à borda das piscinas (p.82).

Com esta nota de ironia, Lúcio denuncia a irresponsabilidade de todos os seus colegas, face aos perigos de um iminente ataque dos bárbaros. Por outro lado, remete para o ambiente de certa promiscuidade nos banhos:

Havia quem, possuindo balneário, nunca aquecesse as fornalhas do hipocausto e preferisse a promiscuidade das

⁷ Sobre as termas, e para informações mais detalhadas, vide José Guillén, *Vrbs Roma – vida e costumbres de los romanos, vol. I: La vida privada* (Salamanca 1977) 329-339; Jérôme Carcopino, *La vida cotidiana en Roma en el apogeo del imperio* (trad. esp.: Madrid 1993) 320-330.

⁸ Usamos, com a devida vénia, ideias de Carlos Alberto Louro Fonseca, expressas em aulas de seminário e facultadas em apontamentos manuscritos.

*termas públicas, ou por uma questão de avareza ou por apego
à convivência* (p. 82).

Ecoss destas palavras são-nos dadas por Marcial que descreve Baías, a mais famosa estância termal da Antiguidade, como sendo o “litoral dourado da bem-aventurada Vénus”⁹. Foi de lá que a austera matrona Levina, anteriormente uma Penélope, regressara a casa uma Helena, ao abandonar o marido para seguir um jovem por quem se apaixonara¹⁰. Assim, a vida descuidada e mundana que aí se levava, se, por um lado, tinha um efeito físico e psicológico benéfico sobre aqueles que lá estanciavam, por outro, criava atitudes de rejeição nas pessoas com uma conduta moral mais preconceituosa.

Sêneca, filósofo estóico, aconselhava a desviar os próprios passos de um tal lugar, em que a moral corria sérios perigos¹¹. Quando descreve ao pormenor o ruído de umas termas vizinhas, o filósofo prefere ignorá-lo, como se fosse algo pouco importante:

*Mas, por Hércules, eu não quero saber mais deste frémito
do que das ondas ou de uma queda de água...*¹²

Desta forma, compreendemos melhor o pouco à-vontade e até a celeridade de Lúcio Quíncio ao entrar nos banhos públicos de Tarcisus:

⁹ Marcial, *Epigr.* 11.80.1-2: *Litus beatae Veneris aureum Baías / Baías superbae blanda dona Naturae.*

¹⁰ Marcial, *Epigr.*, 1. 62. 5-6: *incidit in flammas: iuuenemque secuta relicto / coniuge Penelope uenit, abit Helene.*

¹¹ Sêneca, *Epist.*, 5.51.3: *Itaque de secessu cogitans numquam Canopum eliget, quamuis neminem Canopus esse frugi uetet, ne Baías quidem: deuersorium uitiorum esse coeperunt.* Tradução de J. A. Segurado e Campos, *Cartas a Lucílio* (Lisboa 1991).

¹² Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 6.56. 3. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, *Romana – Antologia da Cultura Latina*, 3ª ed. (Coimbra 1994) 228. *Vide* também J. A. Segurado e Campos, (Lisboa 1991) 191.

Não deixei que me vestissem, passei pelo caldário, entre sombras que se moviam preguiçosamente e entrei, de toga, no tepidário, àquela hora apinhado de gente (p. 82).

Queremos, assim, sublinhar o espírito determinado de Lúcio na defesa da sua cidade, contra os inimigos exteriores, não conseguindo, porém, livrar-se dos inimigos internos, unidos em torno do liberto e candidato a edil, Rufo Glicínio Cardílio. Por outras razões, esses são os mesmos inimigos dos cristãos, onde se destaca Iunia, que como já referi, exerce, desde a primeira hora um profundo fascínio em Lúcio.

Da simbologia dos peixes e das rosas

Por razões óbvias, o peixe é um elemento presente, desde o princípio até ao fim da história. Sendo os cristãos o grupo catalisador da acção, é lógico que o peixe, um dos símbolos do cristianismo, esteja presente como marca distintiva e de afirmação desse mesmo grupo. A explicação, pelo menos em parte, dessa simbologia é fornecida por Iunia, numa conversa com Lúcio:

- (...) *E esse peixe que vocês por aí pintam, o que é?*
- *Ichús!*
- *Eu sei, também falo grego.*
- *Didacticamente, com uma paciência afectada, explicou-me, a partir das iniciais do vocábulo, que se tratava de um anagrama para Jesus Cristo Filho do Deus Salvador (p. 137).*

A palavra grega ἰχθύς ('peixe') foi, portanto, tomada pelos cristãos como um ideograma em que cada uma das cinco letras era vista como a inicial de outras tantas palavras gregas: ἰησοῦς χριστὸς υἱοῦ θεοῦ σωτῆρος ('Jesus Cristo, filho de Deus, Salvador'). Daí as numerosas representações simbólicas do peixe nos

antigos monumentos cristãos, nomeadamente funerários¹³. Daí também, e agora já no plano da história, as múltiplas pinturas de peixes, que progressivamente aparecem pelas ruas de Tarcisus:

À minha passagem, notei, em várias paredes, grafitos que representavam um peixe e concluí que a seita adoradora de peixes estava a expandir-se na cidade (p. 109).

Essas pinturas vão aparecer em cima do material de campanha eleitoral do candidato a edil, provocando desde logo uma fractura entre o poder político e o novo grupo religioso, para além de queixas formais ao duúnviro:

Um tal Dafino (...) explicou prolixamente que vinham em protesto pedir a minha intervenção. Alguém tinha desenhado um peixe sobre os grafitos eleitorais de Rufo Cardilio, o que, sobre ser uma afronta ao próprio, assinalava ainda desrespeito ímpio pelas leis e pelos costumes de Roma e da cidade (pp. 109-110).

A partir daqui, a fractura acentua-se, a ponto de Lúcio receber uma mensagem anónima com um peixe recortado em couro, que denunciava rituais obscenos, praticados em casa do seu amigo Máximo Sálvio Cantaber. Deste modo, o peixe está lançado no caminho do magistrado: primeiro, porque lhe compete fazer algo para impedir a expansão dessa seita; depois, porque, ao fazer algo, vai ter que se confrontar com Iunia, cabeça do grupo.

A este propósito há um episódio, bastante elucidativo: um dia, Lúcio recebe em sua casa um lúcio (*lucius*), isto é, um peixe enorme, acompanhado de um saco de favas. Este presente ‘envenenado’ tinha sido deixado por alguém à entrada da porta. Lúcio não consegue disfarçar alguma apreensão:

¹³ Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, *Dicionário dos Símbolos* (Lisboa 1994) 515-516.

Por mais que eu quisesse esquecer-me, ou deixar os cristãos para depois, havia sempre alguém que mos vinha lembrar. Desta vez, através de um simbolismo especioso: um peixe portador do meu nome, devastador e canibal, que engole tudo o que é vivo em volta e que uma vez à solta, é a ruína das lagoas e dos viveiros. E aquele sinal funério das favas...(pp. 120-121).

Este sinal premonitório de morte – as favas são símbolo dos mortos e ao mesmo tempo da sua prosperidade¹⁴ – anuncia desgraça, tragédia. Primeiramente sobre a família de Iunia, depois, pelo menos em parte, sobre Lúcio, que se sente cada vez mais fascinado pela patrícia convertida ao cristianismo, a ponto de, certa vez, ao presidir ao tribunal, dar por si *a desenhar um peixe nas tábuas de cera...*(p.140).

Lúcio não pensa converter-se ao cristianismo. Está, antes, rendido a Iunia. Há muito tempo. Quando resolve ir à casa de Máximo falar sobre a denúncia de *rituais obscenos*, que anonimamente recebeu, dá-se o primeiro encontro entre eles. Não falam, apenas se olham. Lúcio não fica indiferente:

Nessa altura, uma mulher de túnica azul-clara, pregueada à grega, voltou-se na minha direcção. Não sei que impulso foi aquele, se provocado por uma espontânea impaciência, se por qualquer ruído que, sem querer tivesse produzido. Ao movimento, o sol, passando-lhe nos olhos, de um verde muito esbatido, quase os iluminou num relance brevíssimo. Ela fitou-me por um instante e eu desviei o olhar. (...) Os olhos, quase transparentes àquela luz, dilataram-se, súbitos, e seguiram os meus (p. 128).

¹⁴ Jean Chevalier, (Lisboa 1994) 317.

A cor dos olhos de Iunia não é inocente. O verde remete para o reino vegetal, para a natureza, para o despertar da vida, daí a autenticidade com que se apresenta. Para além disso, o verde entra com o vermelho num jogo simbólico de alternâncias. A rosa floresce entre folhas verdes. E é precisamente uma rosa que Clélia, a irmã mais nova de Iunia, deixa dependurada num ramo alto, sob o qual Lúcio e seu pai conversam.

A rosa que ela tinha colocado na árvore caíra sobre o banco de mármore, como um borrão vermelho brilhante, a desfeitar a lisura monótona da pedra...(p.134).

Aquela rosa, símbolo da atracção por Iunia, eis que se transforma em borrão. Tal como a relação entre os dois, pelo menos a médio prazo.

Na cidade, a oposição ao grupo de cristãos é cada vez maior. No *forum*, mais um ajuntamento em torno de Rufo, que arengava, denunciando a pérfida seita, ao mesmo tempo que alguém agitava um cartaz de madeira representando *um peixe a debater-se, trespassado por um tridente* (p.157).

Entretanto, mataram os cães a Máximo e Lúcio vê-se compelido a falar com Iunia. Nesse encontro, de novo em casa dela, o magistrado encontra-a no jardim, onde *roseiras caóticas que misturam pétalas murchas com pétalas vivas trepavam pelas colunas...*(p.159).

Esta ideia de caos, que é referido numa dimensão exterior, é o reflexo do interior de Lúcio. Contra os seus princípios filosóficos, ele sente-se perturbado pela paixão:

Logo que vi Iunia, senti estranhamente um baque, uma espécie de sobressalto como se o peito se me contraísse, e esqueci tudo o resto, mesmo a culpa que me moía por ter abandonado as minhas obrigações para comparecer em frente dela (pp.159-160).

É Iunia, apesar do acolhimento frio, que inicia a conversa, desviando-a, no dizer do narrador, para banalidades irritantes:

Como as rosas tinham crescido em tão pouco tempo, como as noites eram frias em Tarcisus... (p.160).

Sem querer, Iunia sintetiza a situação: a atracção cresceu em pouco tempo, mas o clima, a conjuntura, constituíam um obstáculo ao seu desenvolvimento. Estes sinais, como que a antecipar o futuro, vêm a confirmar-se.

Quanto às paixões, mais vale não só dominá-las e submetê-las à razão, como até extirpá-las, preconiza o racionalismo moral do estoicismo.

Assim, bem perto do desenlace da intriga, quando Lúcio se viu obrigado a julgar o grupo dos cristãos, eis que o vemos, na véspera do julgamento, em actividades caseiras de relaxe:

Durante quase todo o dia dediquei-me a não fazer nada ou a actividades absolutamente fúteis, como as de transferir peixinhos dourados, raros, do tanque do peristilo para o implúvio ou podar as roseiras do jardim. Nestas tarefas, Mara ajudou-me, com uma alegria fantasiada, por de mais excessiva...(p.296).

Embora referidas como *actividades absolutamente fúteis*, estas actividades tinham de ser feitas. *Transferir peixinhos e podar rosas* são acções que carregam uma profunda marca simbólica: como que antecipando o julgamento, os peixinhos, isto é, os cristãos, ou reafirmam a fé e são enviados para Roma para serem condenados à morte (é o que acontece a Iunia), ou a renegam e têm de fazer uma libação à estátua de Júpiter (é o que acontece a todos os outros, Milquion incluído). O podar as rosas, na companhia da sua esposa, simboliza a determinação de Lúcio em respeitar a instituição do casamento, em preservar o afecto, o amor em relação a Mara,

libertando-o de tudo aquilo que era inútil, que o *desfeitava*. Só assim ele podia alcançar a imperturbabilidade (*apátheia*), condição indispensável para atingir a serenidade e ser feliz.

Mara, companheira fiel e cúmplice desta determinação, está alegre. E, para finalizar este dia vivido a dois, escolhe a leitura para antes do adormecer: um trecho do *Satyricon*¹⁵:

...«o mestre da eloquência que não fizer como o pescador e não puser na ponta dos seus anzóis o engodo que sabe ser apreciado pelos peixinhos, ficará longas horas no seu rochedo, desesperado de pescar alguma coisa...»

Bem a propósito este conselho para o duúnviro que, no dia seguinte, qual pescador, vai usar o engodo que sabe ser apreciado pelos ouvintes, ou seja, vai, por fim, satisfazer a vontade dos seus detractores políticos, personificados em Rufo Cardílio, julgando os cristãos. Vai, finalmente, julgar Iunia, que há muito o reclamava, como, aliás se pode comprovar pelas palavras do narrador: *...quando pronunciei a condenação de Iunia à morte (...) olhou para mim, com uma expressão de felicidade triunfal. Nunca lhe tinha visto tanta alegria no rosto* (p.313). Lúcio, por seu turno, liberta-se, finalmente, de uma perturbadora paixão.

É a hora das despedidas. Iunia parte para Roma, Scauro parte com a VII Legião Gémina, Lúcio é aconselhado a partir, pois *a sua permanência no duunvirato era malvista por muita gente* (p.316).

E sempre com a mesma determinação, procurando alcançar alguma serenidade perdida, Lúcio resigna ao seu cargo, com a plena sensação do dever cumprido. Preferiu não se despedir de Iunia. Os seus concidadãos preferiram também não se despedir dele. E lá regressa ao campo, para reconstruir a *uilla* paterna, reconstruindo uma

¹⁵ Petrónio, *Satyricon* 3.10.: *...sic eloquentiae magistri tamquam piscator, qui nisi eam imposuerit hamis escam quam scierit appetituros esse pisciculos, sine spe praedae moratur in scopulo.*

nova vida. Quanto aos cristãos são *fumos fátuos de um lume de palha* (p.319), embora o tenha inquietado, numa das suas deambulações pelo campo, um pequeno escravo que desenhava um peixe na areia.

Pisoteei meticulosamente o desenho com as minhas botinas cardadas...(...). Acto inútil. Não se apagam as realidades destruindo-lhes os símbolos (p.19).

Neste regresso às origens, longe das intrigas políticas, Lúcio reafirma a fidelidade aos valores da romanidade:

Deixem-me cultivar esta despreocupação, a ilusão de que o mundo seguirá para sempre imperturbado e imperturbável...(...). Sou um senhor da terra, sou um romano, leio, cultivo-me, marco os tempos com o meu porte, (...) o meu traje togado. Dignidade. Gravidade. Romanidade. Humanidade (p.16).

Eis a profissão de fé: imperturbabilidade (*apátheia*), *dignitas*, *grauitas*, *Humanitas*.

“Como é próprio do Humanismo, o romance postula a perenidade dos valores e sobretudo das inquietações (éticas ou metafísicas) e a contemporaneidade dos Antigos¹⁶”. E, ainda que o autor, numa nota paratextual, avise que *este não é um romance histórico*¹⁷, talvez isso seja um apelo a abordarmos, a partir do

¹⁶ Osvaldo Manuel Silvestre, «Mário de Carvalho: Revolução e Contra-revolução ou um passo atrás e dois à frente», *Colóquio/Letras* 147/148 (1998) 223.

¹⁷ Mário de Carvalho, *Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde*, p. 11. Esta nota, em jeito de advertência, aparece antes do capítulo I: «Este não é um romance histórico. Tarcisus, ou, mais propriamente, o município de Fortunata Ara Iulia Tarcisus, nunca existiu». A propósito do conceito de História e suas implicações na obra de Mário de Carvalho, veja-se o artigo de Maria de Fátima Marinho, «O sentido da história em Mário de Carvalho», *Revista da Faculdade de Letras «Linguas e Literaturas»*, (Porto 1996) 257-267.

Cultura Clássica em *Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde* de
Mário de Carvalho

romance, questões da actualidade: “e nada – conclui Osvaldo Silvestre - como reflectir sobre o mais bárbaro dos séculos (o nosso) a partir de situações históricas em que bárbaros se encontram às portas da Cidade (quando não a governam, por desencontradas razões de hereditariedade ou conspiração política)”¹⁸.

Em finais do século XX, em que não faltam *Rufos Cardilios* passeando-se em resplandecentes togas cândidas, ter valores e ser-lhes fiel é uma aprendizagem (ou reaprendizagem) que podemos fazer com os Clássicos. Eis a resposta para quem se continua a perguntar: ‘E para que servem, hoje, os Clássicos?’

¹⁸ Osvaldo Manuel Silvestre, *Colóquio/Letras* 147/148 (1998) 219.